



Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Núcleo de Desenvolvimento Infantil  
Curso de Especialização em Educação Infantil  
Campus Universitário – Trindade – Caixa Postal 476  
e-mail : [especializacao.ufsc.ndi@gmail.com](mailto:especializacao.ufsc.ndi@gmail.com) - Fone 3721-8921

Vanderleia Santolin Fernandes

## **O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Florianópolis  
2012

Vanderleia Santolin Fernandes

**O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A  
PARTIR DE UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Artigo submetido ao Curso de Especialização em  
Educação Infantil para a obtenção do Grau de  
Especialista em Educação Infantil  
Orientador: Prof. Solange Aparecida da Rosa

Florianópolis  
2012

## **O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Este artigo foi julgado aprovado para a obtenção do Título de “Especialista em Educação Infantil” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Especialização em Educação Infantil.

Florianópolis, 14 de abril de 2012.

---

Prof. Dra. Marilene Dandolini Raupp  
Coordenadora Geral do CEEI

### **Banca Examinadora:**

---

Prof. Solange Aparecida Rosa.  
Orientador

---

Prof. ....  
Primeiro membro

---

Prof. .. .....  
Segundo membro

# O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Vanderleia Santolin Fernandes<sup>1</sup>

Solange Aparecida da Rosa<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo é resultado da realização de um Projeto de Intervenção Pedagógica junto a uma turma de crianças com idade entre três e quatro anos num Centro de Educação Infantil Municipal de um município do Oeste catarinense. O projeto teve como objetivos: Compreender de que maneira o processo de socialização na educação Infantil pode se tornar significativo para as crianças; - Realizar intervenção pedagógica orientada por atividades que promovam e ampliem a capacidade de relação entre criança-criança e criança-adulto; - Analisar os documentos oficiais – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil; Parâmetros de Qualidade para a Educação Infantil, Proposta Pedagógica da Rede Municipal para a Educação Infantil e o PPP do CEIM -, no que se referem às proposições relacionadas ao processo de socialização na Educação Infantil; - Refletir sobre o papel do educador em relação ao processo de socialização das crianças na instituição de Educação Infantil a partir da concepção histórico-cultural. Com a realização de pesquisa bibliográfica e das atividades de intervenção pode-se afirmar que os conflitos entre as crianças principalmente na idade de três e quatro anos fazem parte do desenvolvimento e aprendizagem das mesmas, porém para que as crianças possam socializar-se aprendendo como resolver seus conflitos é necessário que o professor compreenda a necessidade de se organizar tais interações em espaços de qualidade, diversificando e ampliando a convivência entre crianças da mesma idade e de idades diferentes. Verificou-se também que a brincadeira aliada à mediação do professor são fundamentais ao processo de socialização das crianças.

**Palavras-chave:** socialização, educação infantil, mediação.

## INTRODUÇÃO

Os conflitos nas relações sociais entre as crianças são situações que sempre despertam interesse e muitas dúvidas por parte dos professores, já que costumam ocorrer com bastante frequência principalmente na faixa etária entre três e quatro anos. Compreendendo a importância das relações sociais na Educação Infantil para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, bem como sentindo a dificuldade em promover tais interações com qualidade é que se elaborou um Projeto de Intervenção Pedagógica com foco neste tema, pois acredita-se que as crianças não podem estar próximas apenas fisicamente, mas convivendo e aprendendo umas com as outras.

---

<sup>1</sup> Pedagoga, professora de Educação Infantil da rede municipal de ensino. E-mail:leiasantolin@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestre em educação (UFSC), professora da Universidade Comunitária da Região de Chapecó.  
E-mail:solangerosa@unochapeco.edu.br

Desde que se definiu o processo de socialização na Educação Infantil como tema/problema de pesquisa muitos questionamentos começaram a surgir: como organizar uma prática pedagógica que contemplasse a socialização na perspectiva indicada? Até que ponto o educador deve mediar às relações entre as crianças? Será que os conflitos entre as crianças contribuem ou prejudicam o aprendizado das mesmas?

As atividades realizadas tiveram como intencionalidade ampliar a capacidade das crianças de resolver seus conflitos melhorando assim, a convivência entre as mesmas e com os adultos. Também buscou-se analisar os documentos oficiais – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil; Parâmetros de Qualidade para a Educação Infantil, Proposta Pedagógica da Rede Municipal para a Educação Infantil e o PPP do CEIM -, no que se referem às proposições relacionadas ao processo de socialização na Educação Infantil e refletir sobre o papel do educador em relação ao processo de socialização das crianças na instituição de Educação Infantil a partir da concepção histórico-cultural.

A metodologia de intervenção constituiu-se na elaboração e aplicação de atividades realizadas com o grupo de crianças as quais contemplaram música, poesia, oficinas e brincadeiras. Também se repensou a organização do grupo para a realização das atividades buscando-se a interação com as crianças das outras turmas, ampliando-se as possibilidades de convivência e conseqüentemente de aprendizagens. O processo de desenvolvimento das atividades foi registrado por meio de um Diário de Campo e posteriormente analisado teoricamente.

A seguir faz-se uma breve exposição de aspectos históricos e dos princípios que orientam a prática pedagógica na Educação Infantil, em seguida apresentam-se alguns aspectos teóricos relacionados à temática em estudo e posteriormente a prática realizada, assim como algumas análises da prática e de seus resultados.

### **O processo de socialização na abordagem histórico-cultural**

Desde que a criança nasce ela passa a interagir com o mundo social e cultural construído historicamente e é neste processo que ocorre a aprendizagem e o desenvolvimento humano. Sem dúvida logo que a criança nasce a família tem papel indispensável na interação desta com o mundo que a cerca, porém, analisando o contexto histórico social atual, percebe-se que as crianças estão ingressando cada vez mais cedo nas instituições de Educação Infantil, logo, o papel de educar as crianças pequenas realizado pela família, agora está se tornando

cada vez mais responsabilidade das instituições educativas, ainda que de forma compartilhada com a família.

Para compreendermos o que significa a infância hoje, é necessário analisarmos como a criança e a família foram concebidas ao longo da história das sociedades ocidentais e mais especificamente nas sociedades modernas. Segundo Miranda (1985) a ideia de infância que temos hoje nem sempre existiu, já que o significado atual de infância é sem dúvida uma construção histórica resultante da organização das relações sociais da sociedade industrial. Para que surgisse o que Áriès (1981) denomina de sentimento de infância, segundo Miranda (1985) precisou-se modificar o sentimento de família até então predominante.

A família moderna, que se estabeleceu na burguesia do século XVII, veio instalar a intimidade, a vida privada, o sentimento da união afetiva entre o casal e entre pais e filhos. Sua consolidação aconteceu graças à destruição das formas comunitárias tradicionais, reorganizando-se em função das necessidades da ordem capitalista. (MIRANDA, 1985, p. 126).

Segundo a autora, o período da infância se limitava apenas ao período em que a criança dependia dos cuidados físicos e, aproximadamente aos sete anos ela passava a ajudar os adultos em todos os momentos, de modo que “a aprendizagem de valores e costumes se dava a partir do contato com adultos: a criança aprendia com os mais velhos” (MIRANDA, 1985, p. 126). Até bem pouco tempo, de acordo com esta autora, a criança era vista como um adulto em miniatura ou como um ser frágil incapaz de intervir no seu meio social e cultural.

Para Kramer (2011), se hoje temos uma nova visão de infância e de criança é graças às inúmeras lutas de intelectuais e de movimentos sociais, as quais resultaram em leis como a Constituição de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 que passaram a garantir os direitos das crianças e concebê-las como um sujeito de direitos, capaz de participar ativamente da sociedade.

De acordo com os Parâmetros de Qualidade para a Educação Infantil (2008) ser criança é pensar o mundo de um jeito muito próprio:

Muitas vezes vista como um ser ainda não adulto, ou é um adulto em miniatura, a criança é um ser humano único, completo e, ao mesmo tempo, em crescimento e em desenvolvimento. É um ser humano completo porque tem características necessárias para ser considerado como tal: constituição física, formas de agir, pensar e sentir. É um ser em crescimento porque seu corpo está continuamente aumentando em peso e altura. É um ser em desenvolvimento porque essas características estão em permanente transformação. As mudanças que vão acontecendo são qualitativas e quantitativas – o recém nascido é diferente do bebê que engatinha que é diferente daquele que anda, já fala, já tirou as fraldas. O crescimento e o desenvolvimento da criança pequena ocorrem tanto no plano físico quanto no psicológico, pois um depende do outro. (BRASIL, 2008, p. 14).

Neste sentido entende-se que os conhecimentos apropriados na Educação Infantil são conhecimentos humanizadores, por meio dos quais, segundo Mello (2007) é possível à apropriação das qualidades humanas.

O que parece, pois, essencial compreender em relação à educação é seu papel humanizador. Apenas nessa perspectiva me parece possível superar a atitude da escola da infância que confunde educação com instrução e com esse olhar organiza práticas educativas que servem muito ao disciplinamento dos corpos (FOUCAULT, 1997) e pouco ao desenvolvimento de qualidades positivas da personalidade em formação – controle da vontade, os valores, os sentimentos, a iniciativa, a auto-imagem positiva. (MELLO, 2007, p. 94).

Acredita-se desta forma que a socialização é um processo de aprendizado, no qual muitos conhecimentos podem ser explorados e vivenciados, principalmente valores como respeito às diferenças, assim como aprender a valorizar o papel do outro na vida de cada um, pois conviver e aprender com o outro é condição essencial na vida de todo ser humano.

Ao se organizar a prática educativa diariamente percebe-se que as inúmeras questões relacionadas à socialização aparecem constantemente, o que torna este tema pertinente o ano todo e em todos os momentos, ou seja, é impossível explorá-lo em um determinado período do ano, com apenas um projeto, já que a socialização é um processo que se inicia com o nascimento da criança e continua durante sua vida toda.

[...] o processo de desenvolvimento do indivíduo se inscreve num processo histórico-social que o determina e, por sua vez é determinado. Assim, o processo de socialização da criança é concretamente determinado pela sua condição histórico-social. Além disso, enquanto sujeito da história, a criança tem a possibilidade de recriar seu processo de socialização e através dele interferir na realidade social. (MIRANDA, 1985, p. 131).

Entende-se que as crianças não podem estar apenas próximas fisicamente, mas sim, devem estar interagindo socialmente, apropriando-se de conhecimentos e valores indispensáveis para a vida de qualquer pessoa, pois é nas relações sociais que o ser humano aprende e se desenvolve.

Com relação à importância das relações sociais para o desenvolvimento humano, segundo Fontana (2005), Vigotski afirma que:

É no curso de suas relações sociais (atividade inter-pessoal) que os indivíduos produzem, se apropriam (de) e transformam as diferentes atividades práticas e simbólicas em circulação na sociedade em que vivem, e as internalizam como modos de ação/elaboração “próprios” (atividade intra-pessoal), construindo-se como

sujeitos. Nesse processo de individuação pelo outro, o sujeito reconstrói internamente os modos de ação externos compartilhados. À reconstrução interna de uma operação externa, Vygotsky dá o nome de internalização. (FONTANA, 2005, p. 11).

Wallon é outro dos importantes autores que analisam o processo de socialização e, segundo Galvão (2001), define este processo como uma crescente individuação, ou seja:

Até que a criança saiba identificar sua personalidade e a dos outros, correspondendo a primeira ao eu e as segundas à categoria do não-eu, encontra-se num estado de dispersão e indiferenciação, percebendo-se como que fundida ao outro e aderida às situações e circunstâncias [...] Esta concepção quanto ao sentido de socialização opõe-se à concepção piagetiana, a qual, segundo Wallon, identifica como direção do desenvolvimento o alargamento gradual do campo em que podem desenvolver-se as atividades e os interesses da criança, com a passagem de uma consciência estritamente individual (egocêntrica) a uma consciência social, aberta à representação do outro e capaz de relações de reciprocidade. (GALVÃO, 2001, p. 50).

Entende-se que para compreender o significado da socialização na vida da criança é fundamental conhecer como ocorre o processo de desenvolvimento infantil, pois ambos os processos estão interrelacionados.

Assim, a motricidade, a linguagem, o pensamento, a afetividade e a sociabilidade são aspectos integrados e se desenvolvem a partir das interações que, desde o nascimento, a criança estabelece com diferentes parceiros, a depender da maneira como sua capacidade para construir conhecimento é possibilitada e trabalhada nas situações em que ela participa. Isso por que, na realização de tarefas diversas, na companhia de adultos e de outras crianças, no confronto dos gestos, das falas, enfim, das ações desses parceiros, cada criança modifica sua forma de agir, sentir e pensar. (BRASIL, 2010, p. 07).

Segundo Galvão (1995, p. 52), Wallon afirma que dos três aos seis anos a principal tarefa da criança é a construção da personalidade pautada nas interações sociais, pois aproximadamente a partir dos três anos a criança passa por uma fase em que está percebendo e diferenciando o “eu” do “outro”. Até então, para este autor, a criança “percebe-se como parte fundida nos objetos e nas estruturas familiares, mistura a sua personalidade à dos outros, e a destes entre si”. Essa fase é marcada por muitos conflitos e desentendimentos entre as próprias crianças e muitas vezes entre crianças e adultos. Estes últimos, muitas vezes por não compreenderem o que está acontecendo com a criança, acabam a rotulando como sendo desobediente, teimosa e até agressiva.



Em geral, esta etapa tem aspecto de uma verdadeira crise, como bem podem testemunhar os educadores da faixa pré-escolar, na qual são extremamente frequentes os conflitos interpessoais. [...] Um dos conteúdos que a atitude de oposição adquire é o desejo de propriedade das coisas. Confundindo o meu com o eu a criança busca, com a posse do objeto, assegurar a posse da personalidade. Por isso, nas situações de disputa por um mesmo objeto, é comum que o desejo de propriedade conte mais do que o próprio objeto: a criança é capaz de abandonar um brinquedo tão logo o obtenha na disputa com um colega. (GALVÃO, 1995, p. 54).

Destes entendimentos decorre a preocupação em se trabalhar a socialização nesta faixa etária, pois acredita-se que este processo contribuirá para a formação do sujeito fazendo com que este aprenda a resolver seus conflitos por meio do diálogo e com base no respeito mútuo. Contudo, entende-se que se a criança está em processo de reconhecimento de si e de auto-afirmação, conseqüentemente compete ao adulto compreender o que está acontecendo com a criança, pois os conflitos nesse caso constituem-se em meio para a construção da personalidade da criança. O que não significa deixar que os conflitos ocorram sem mediação, pois é função do educador conhecer o nível de desenvolvimento da criança para intervir pedagogicamente.

Nesse sentido, percebe-se a importância de se organizar práticas pedagógicas voltadas para as relações sociais entre as crianças, pois estas são com toda certeza condições de novos e significativos aprendizados.

### **Análise dos documentos oficiais no que diz respeito ao processo de socialização na Educação Infantil**

Ao analisar os documentos oficiais relacionados à Educação Infantil percebeu-se que existe a preocupação dos mesmos em afirmar a importância da socialização entre as crianças, sendo que, tanto as propostas dos documentos a nível nacional quanto municipal enfatizam a importância de se organizar e valorizar as interações sociais entre as crianças, porém cabe a cada professor em sala de aula compreender a importância desse processo e realmente contemplá-lo na sua prática, pois não basta que as crianças estejam próximas fisicamente para que ocorra a socialização entre as mesmas, elas vão interagir sim, mas é preciso que o professor se questione da qualidade destas interações para o desenvolvimento e aprendizagem destas crianças.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) além de destacar a importância das interações entre as crianças é bem objetivo quando afirma a necessidade da convivência entre crianças de diferentes idades.

Para que as aprendizagens infantis ocorram com sucesso, é preciso que o professor considere, na organização do trabalho educativo: a interação com crianças da mesma idade e de idades diferentes em situações diversas como fator de promoção da aprendizagem e do desenvolvimento e da capacidade de relacionar-se. (BRASIL, 1998, p. 30.)

O documento afirma ainda, que a diversidade nas interações contribui para a ampliação das experiências de cada criança, contanto que seja garantida a qualidade de tais interações.

No que diz respeito às interações sociais, ressalta-se que a diversidade de parceiros e experiências potencializa o desenvolvimento infantil. Crianças expostas a uma gama ampliada de possibilidades interativas têm seu universo pessoal de significados ampliado, desde que se encontrem em contextos coletivos de qualidade. (BRASIL, 2008, p.14,15).

De acordo com os Parâmetros de Qualidade para a Educação Infantil até mesmo as oposições e a resistência que ocorrem nas interações entre as crianças favorecem o aprendizado e o desenvolvimento das mesmas, pois “incita a própria argumentação, a objetivação do pensamento e o recuo reflexivo das crianças” (MACHADO, apud BRASIL, 2008, p. 16).

Nesta perspectiva entende-se que os conflitos fazem parte das interações sociais e conseqüentemente do desenvolvimento, porém, cabe aqui destacar que o professor pode mediar às relações entre as crianças para que estas aprendam e consigam resolver as situações de impasses e conflitos sem agressões, sejam estas físicas ou verbais.

Na Proposta Pedagógica Municipal para a Educação Infantil na qual a instituição em que se desenvolveu o Projeto de Intervenção Pedagógica está vinculada, percebe-se a preocupação com a criança enquanto ser social e com as interações sociais que ela estabelece desde seu nascimento. A proposta fundamenta-se na concepção histórico-cultural tendo como referências principais em relação ao desenvolvimento infantil Vigotski e Wallon. Em relação às situações de conflito entre as crianças a sugestão apontada é em relação ao posicionamento do educador, o qual deve agir como mediador mantendo uma referência estruturante para a criança.

O documento afirma que nas relações com os outros, crianças e adultos, a criança se descobre como um ser cultural, participante da história, e nesta participação sofre influências dos costumes, valores e conhecimentos da sua cultura.

Nesse sentido percebe-se que o papel do educador é de fundamental importância, já que a criança pequena necessita desta mediação mais experiente para compreender e resolver as situações de conflitos, pois nem sempre as crianças conseguem respeitar e aceitar facilmente a opinião do outro sem que haja um diálogo mediado por um adulto. Este diálogo faz com que as crianças reflitam e observem a situação de outra maneira e não apenas do seu ponto de vista.

O que acontece no dia a dia é que o professor muitas vezes tem dificuldade de mediar com uma turma de vinte crianças, onde cada criança possui necessidades próprias, convivendo em salas de aulas pequenas e com poucos brinquedos. Entende-se que diálogo com a criança e entre as crianças é um momento em que o professor necessita estar atento o que muitas vezes não acontece devido ao número de crianças. No entanto, cabe ao professor encontrar caminhos para que esses motivos não comprometam ou desvalorize a socialização entre as crianças.

Ao analisar o Projeto Político Pedagógico do Centro de Educação Infantil no qual se realizou o projeto de intervenção identificou-se que este destaca o processo de socialização como sendo um dos objetivos do currículo, bem como, aponta ainda a importância da construção da identidade e autonomia, interação da criança no meio social, familiar e escolar e a ampliação progressiva dos conhecimentos de mundo. Porém não se pôde identificar neste documento qual é a concepção de socialização adotada pela instituição. Aqui não há a intenção de afirmar que este processo não ocorra nas práticas pedagógicas, porém não se evidência nenhuma proposta teoricamente fundamentada no documento em relação ao processo de socialização. Este documento se reporta basicamente as regras de funcionamento da instituição.

### **Pensar, planejar e mediar o processo de socialização: resultados do projeto de intervenção.**

As instituições de Educação Infantil são espaços de convivência privilegiados entre as crianças, onde o processo de socialização deve ser contemplado diariamente. No entanto, é comum encontrarmos turmas na educação infantil com um número grande de crianças e nem sempre com salas de tamanho apropriado o que pode comprometer e limitar a convivência entre as crianças demandando ao professor criar estratégias e utilizar espaços diversificados

para que as crianças não se limitem dentro de um espaço restrito, possibilitando às mesmas melhor qualidade de vida na instituição em que passam boa parte de seu tempo.

Acredita-se também que quanto mais bem planejadas forem as possibilidades de interações entre as crianças melhores e mais ricos serão os resultados em relação ao processo de socialização. Em relação à importância da diversidade das relações, Wallon, segundo Galvão (1995), afirma que:

Ao participar de grupos variados a criança assume papéis diferenciados e obtém uma noção mais objetiva de si própria. Quanto maior a diversidade de grupos de que participar, mais numerosos serão seus parâmetros de relações sociais, o que tende a enriquecer sua personalidade. (GALVÃO, 1995, p. 102).

Ao se olhar para o grupo de crianças junto ao qual se desenvolveu o projeto de intervenção percebia-se crianças alegres, espontâneas, curiosas e na maioria das vezes afetivas, porém, durante os momentos que passavam na instituição entravam em conflito umas com as outras com frequência, necessitando da mediação da professora constantemente. Ao mesmo tempo, conversando-se com as mães dessas crianças identificava-se a preocupação das mesmas em relação à convivência dos filhos com outras crianças, pois afirmavam que seus filhos não tinham com quem brincar, não gostavam de ser contrariados, de dividir os brinquedos e que costumavam brincar sozinhos quando estavam em casa. Estes relatos das famílias revelaram que a convivência com outras crianças era um momento privilegiado que acontecia basicamente no período em que as crianças ficavam no Centro de Educação Infantil Municipal.

Observando e refletindo sobre como ocorria o processo de socialização no CEIM percebia-se que a convivência das crianças se restringia às crianças da mesma turma, pois as turmas raramente interagiam, algumas vezes no parque ou então no refeitório no momento das refeições. Na turma em que se desenvolveu o projeto haviam vinte crianças agrupadas numa sala relativamente pequena, contribuindo para que as crianças se esbarrassem com facilidade gerando conflitos, assim como a pouca quantidade de brinquedos também era motivo para conflitos. Por outro lado o espaço físico externo era muito bom, o que possibilitou explorar outros espaços para se desenvolver as atividades com as crianças.

Pensando na necessidade da diversidade e da qualidade das interações sociais e ao mesmo tempo enfrentando a restrição do espaço físico é que procurou-se nas atividades de intervenção organizar situações em que as crianças pudessem conviver em espaços físicos diferentes da sala de aula, bem como em grupos menores. Ao mesmo tempo buscou-se

oportunizar o contato com as crianças das outras turmas, ampliando e contemplando as interações entre crianças de diferentes idades.

[...] proporcionar às crianças diferentes experiências de interações que lhes possibilitem construir saberes, fazer amigos, aprender a cuidar de si e a conhecer suas próprias preferências e características, deve-se possibilitar que elas participem de diversas formas de agrupamentos (grupos de mesma idade e grupos de diferentes idades), formados com base em critérios estritamente pedagógicos. (BRASIL, 2010, p. 14).

Em relação a divisão da turma em grupos menores para desenvolver as atividades pode-se afirmar que se obteve ótimos resultados, pois tal estratégia além de favorecer a convivência possibilitou uma melhoria nas relações entre as crianças, já que estas, em grupos menores interagem e conversam melhor entre si, e a professora na sua condição de mediadora participa atentamente de tais interações, conseguindo contribuir mais significativamente nesse processo. É preciso salientar que só foi possível essa divisão das crianças com a ajuda da auxiliar de sala, pois as crianças realizaram atividades diversas simultaneamente. Cabe aqui destacar que esta reorganização da turma continuou acontecendo no decorrer do ano não somente no período de realização do projeto de intervenção e que algumas colegas professoras percebendo essa experiência resolveram reorganizar suas turmas em grupos menores também.

No momento da higiene/ escovação o grupo de criança também passou a ser dividido, levando-se um grupo de quatro crianças por vez ao banheiro tornando-se possível mediar esse momento tão importante, onde as crianças conseguiam conversar, olhar-se no espelho, algo que não acontecia quando uma turma grande ia junta ao banheiro. As demais crianças do grupo, enquanto esperam a vez, realizam outra atividade.

As refeições também podem ser momentos bem significativos de socialização nos quais as crianças interagem, conversam, e observam o que o colega gosta ou não de comer. Dessa maneira, procurou-se incentivar que as próprias crianças se servissem incentivando a autonomia das mesmas. O diálogo e a mediação do professor também foram importantíssimos no sentido de incentivar as crianças a comerem frutas, verduras e legumes.

Na hora do descanso também privilegiou-se a socialização entre as crianças, já que elas podiam relaxar, ficavam mais calmas podendo ouvir e serem ouvidas. Infelizmente o CEIM ainda não dispõe de um espaço destinado e nem com profissionais suficientes para atender as crianças que não querem dormir ou que acordam mais cedo que as outras então, cada uma que ia acordando ou que não queria dormir, poderia manusear livros, ouvir música

baixinha e conversar com os colegas e professora. Nesse momento como em outros, as crianças eram incentivadas a contar fatos do seu cotidiano, da sua família, e assim aos poucos, formavam-se pequenos grupinhos que ficam conversando. Acredita-se sim, que se a instituição tivesse um espaço destinado exclusivamente para o descanso das crianças bem como com profissionais suficientes para atendê-las esse momento poderia ser ainda melhor planejado.

Outra atividade de intervenção que deu muito certo foi o acampamento de amigos, organizado no pátio do CEIM, debaixo das árvores utilizando-se de cordas e lona. As crianças se envolveram plenamente, participaram desde a organização, da elaboração dos combinados, inclusive quando alguém não os cumpria logo era lembrado pelos demais colegas. Nessa experiência alguns conflitos aconteceram sim, porém com menos intensidade, acredita-se que isso se deva pelo envolvimento das crianças na brincadeira, pelo espaço diferente e bem organizado, o qual as crianças participaram da organização o que as motivou bastante. O acampamento foi um brincadeira que favoreceu o trabalho em equipe, chamou a atenção dois pais, pois além do acampamento ter sido montado na entrada do CEIM as crianças queriam contar e mostrar eufóricas aos pais. A princípio o acampamento aconteceria apenas por um dia, mas como foi significativo e interessante para as crianças ele permaneceu por três e, além disso, despertou o interesse das demais turmas que vieram brincar e interagir conosco.

O acampamento foi tão significativo que as crianças tiveram a ideia e sugeriram para que o momento do descanso acontecesse no acampamento, contribuíram levando os colchonetes e travesseiros. Nesse momento algumas funcionárias do CEIM comentavam que as crianças não iriam dormir naquele lugar, porém para a surpresa de todos dormiram e descansaram acordando muito felizes e querendo continuar a brincadeira.

Essa experiência comprova que romper com a rotina diária muitas vezes é desafiador, mas sem dúvida contribui significativamente para enriquecer as vivências das crianças.

Organizando rotinas que propiciem a iniciativa, a autonomia e as interações entre as crianças. Criando espaços em que a vida pulse, onde se construam ações conjuntas, amizades sejam feitas e criem-se culturas. Colocando á disposição das crianças materiais e objetos para descobertas, ressignificações, transgressões. (BORBA, 2006, p.44).

Compreende-se que através desta atividade vários elementos que compõem o processo de socialização foram contemplados, já que as crianças puderam vivenciar dentre muitos aspectos, o trabalho coletivo, a cooperação, o respeito às diferenças, pois conviveram com crianças de diferentes idades, num ambiente acolhedor e divertido sempre com a

mediação do professor. Muitas vezes nós educadores estamos tão acostumados a realizar nossa prática pedagógica de maneira mecânica que nem nos damos conta das inúmeras possibilidades que podemos realizar mesmo com poucos recursos.

Muitas são as possibilidades pedagógicas que o professor pode utilizar para ampliar a capacidade da criança em relacionar-se com o outro. Dentre tantos, destaca-se os que foram utilizados no desenvolvimento do Projeto de Intervenção: a literatura infantil; a música, a poesia; e principalmente, a brincadeira. Por meio destes pôde-se explorar com as crianças noções de solidariedade e amizade, valores tão esquecidos em nossa sociedade cada vez mais individualista e competitiva.

Acredita-se que o ser humano não é individualista por natureza, mas por não aprender valores como igualdade, solidariedade, cooperação e respeito ao próximo. O qual se entende deveriam ser ensinados desde os primeiros anos de vida da criança, visando à educação para a cidadania.

Educar para a cidadania envolve a formação de atitudes de solidariedade para com os outros, particularmente com aqueles em dificuldade de superação de atitudes egoístas; implica fazer gestos de cortesia, preservar o coletivo, responsabilizar-se pelas próprias ações e discutir aspectos éticos envolvidos em determinada situação. Inclui, para cada criança, poder se expressar e respeitar a expressão do outro em relação a sentimentos, ideias, costumes, preferência, ser aceita em suas características físicas e morais, receber demonstração de interesse em saber as razões da ausência de outra criança e criar formas não violentas de soluções de conflitos. (OLIVEIRA, 2002, p. 52).

Entende-se também que a ideia “a criança deve vir educada de casa” não pode mais ser aceita sem questionamentos e nem usada como subterfúgio pelos educadores para isentarem-se de suas responsabilidades frente à educação das crianças, pois na atualidade a criança permanece grande parte de sua vida nas instituições educacionais. Muitos bebês, por exemplo, aos quatro meses ingressam na Educação Infantil e lá permanecem cerca de onze horas por dia com suas professoras e continuam freqüentando a instituição até os cinco anos de idade. Situação que torna inadequada a afirmação apontada no início do parágrafo.

Claro que em nenhum momento a família pode ou deve se eximir de suas responsabilidades quanto à educação das crianças. Ao contrário, entende-se que a família é o primeiro e mais importante locus de convívio social da criança. No entanto, as novas configurações sociais, familiares e principalmente a nova condição social da mulher na sociedade, fazem com que, a responsabilidade pela educação das crianças seja dividida, principalmente, entre os profissionais da Educação da Infantil e as famílias.

De acordo com os Parâmetros de Qualidade para a Educação Infantil, “as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil consideram que o trabalho ali desenvolvido

é complementar à ação da família, e a interação entre as duas instâncias é essencial para um trabalho de qualidade” (BRASIL, 2008, p. 32). A diferença que deve haver entre o trabalho que se realiza nos Centros de Educação Infantil e o que é realizado em casa, é justamente no sentido de que, somos profissionais da educação, pensamos e planejamos intencionalmente nossas ações, temos embasamentos teóricos que fundamentam nosso trabalho e não estamos neste contexto somente para cuidar das crianças, mas também para educá-las, complementando a ação da família.

Nesta perspectiva que a Educação Infantil não tem a função de substituir a função da família nem se contrapor a ela, mas sim, trabalhar em parceria, sempre buscando a educação integral da criança. Em relação à importância do trabalho realizado pelas instituições de Educação Infantil Mello (2007), faz a seguinte contribuição:

A creche e a escola da Infância podem e devem ser o melhor lugar para a educação das crianças pequenas – crianças até os seis anos-, pois aí se pode intencionalmente organizar as condições adequadas de vida e educação para garantir a máxima apropriação das qualidades humanas – que são externas ao sujeito no nascimento e precisam ser apropriadas pelas novas gerações por meio de sua atividade nas situações vividas coletivamente. (MELLO, 2007, p. 85).

Outro aspecto que merece reflexão é em relação às brincadeiras, pois na maioria das vezes este é o momento em que ocorrem os conflitos e as “brigas”. É comum não se ter brinquedos suficientes para todas as crianças brincarem ao mesmo tempo o que torna necessário a intervenção do professor para que as crianças tenham alternativas enquanto esperam a vez de brincar com aquele brinquedo desejado. Poderíamos apenas criticar a falta de brinquedos, ou ainda, apontar as brigas entre as crianças como um mau comportamento das mesmas, porém entende-se que o professor pode utilizar essa “falta” de brinquedo como uma estratégia para que a criança compreenda que se ela aprender a esperar a vez, poderá brincar também, ou então poderá aprender a brincar coletivamente.

É importante salientar também que as crianças não devem ficar ociosas enquanto aguardam o momento de brincar com aquele brinquedo que desejam, é preciso que o professor dê outras oportunidades a ela enquanto aguarda, como por exemplo, brincar de roda, manusear livros ou brincar com outros brinquedos existentes na sala e que esteja, disponíveis ao alcance das crianças.

Para suprir um pouco a falta de brinquedos e visando a socialização das crianças sugeriu-se que cada uma trouxesse de casa um brinquedo para organizarmos uma brincadeira coletiva. Na primeira vez que as crianças trouxeram seus brinquedos de casa não queriam



emprestar para ninguém, contudo com diálogo e mediação da professora isso foi mudando, aos poucos perceberam que emprestando para um amigo o seu brinquedo cada um poderia brincar com um brinquedo diferente do seu. Este parece um ato simples, porém se pensarmos que muitas das crianças da turma são filhos únicos e que convivem basicamente com adultos, essa talvez seja uma oportunidade ímpar para ela aprender a compartilhar o seu brinquedo e de conviver socialmente com o outro.

Essa estratégia contribuiu para que as crianças percebessem o quanto é importante ter alguém para brincar, trocar brinquedos, criando assim, novas possibilidades, que sozinhos não teriam. Após essa experiência ficou combinado que toda sexta-feira seria o dia de trazer um brinquedo de casa para brincar com os amigos. Algumas mães vieram preocupadas com medo das crianças perderem ou quebrarem os brinquedos, procurou-se então conversar com as mesmas afirmando da importância deste momento de socialização e que a colaboração da família é fundamental. As famílias também foram parceiras quando solicitadas a enviar para o CEIM uma guloseima para realizarmos um piquenique, compreendendo que a intencionalidade era fazer com que as crianças socializassem o que cada uma trouxe. Foi uma experiência positiva, porém destaca-se a importância de se realizar também um trabalho junto às famílias, sobre a importância da socialização aspecto que esta pesquisa não contemplou. Pois ao mesmo tempo em que as mães relataram a necessidade dos filhos brincarem com outras crianças demonstraram preocupação dos mesmos em emprestar os brinquedos e estes serem quebrados, porém, procurou-se esclarecer as mães que o cuidado com os brinquedos também é um aprendizado, da mesma maneira que o brincar.

Cabe aqui ressaltar que a criança não nasce sabendo brincar e principalmente a se relacionar com o outro, e sim, aprende na convivência social e cultural. Como afirma Borba (2006),

É brincando que aprendemos a brincar. É interagindo com os outros, observando-os e participando das brincadeiras que vamos nos apropriando tanto dos processos básicos constitutivos do brincar, como dos modos particulares de brincadeira, ou seja, das rotinas, regras e universos simbólicos que caracterizam e especificam os grupos sociais em que nos inserimos. (BORBA, 2006, p. 37).

Sem dúvida que trazer um brinquedo de casa para compartilhar com os colegas contribuiu significativamente na socialização das crianças, não que os conflitos no momento das brincadeiras foram totalmente solucionados, no entanto, este foi um momento de aprendizado, sendo necessário tantos outros.

Nas relações entre as crianças, ainda que pequenas, é comum identificarmos resistências às diferenças tanto em afirmações como “não vou brincar com você porque você

é feia”, ou “o teu cabelo é feio”, quanto em situações de não querer-se pegar na mão de um determinado colega, o que ocorria com frequência na turma. Entende-se que o professor não pode omitir-se diante destas situações, já que aprender a conviver respeitando as diferenças deve fazer parte dos conhecimentos ensinados na Educação Infantil e continuamente nos demais níveis de ensino.

Contemplando a importância do brincar para a socialização das crianças bem como em função de algumas situações de resistência às diferenças é que organizou-se uma brincadeira com diversos tipos de bonecas: brancas, negras, grandes, pequenas, meninos, meninas, algumas faltando um braço ou perna, com cabelo sem cabelo. Colocou-se as bonecas ao alcance das crianças para que cada uma escolhesse uma. Logo de início percebeu-se que algumas crianças não queriam as bonecas negras nem aquelas em que faltavam um braço ou perna. Frente a estas manifestações procurou-se argumentar que as bonecas, assim como as pessoas, não são iguais umas das outras, mas que com qualquer boneca daquelas a criança conseguiria brincar e que deveria haver uma troca de bonecas, nenhuma criança poderia brincar somente com a mesma boneca. No início continuou havendo algumas resistências, mas com o passar dos dias através do diálogo a brincadeira e a aceitação foram acontecendo. As bonecas continuaram fazendo parte dos brinquedos da sala sendo que as crianças passaram a brincar com todas as bonecas sem distinções.

Acredita-se que através da brincadeira a criança consiga compreender muitos valores, ampliar seu conhecimento de mundo e da realidade em que vive.

O brincar é um espaço de apropriação e constituição pelas crianças de conhecimentos e habilidades no âmbito da linguagem, da cognição, dos valores e da sociabilidade. E que esses conhecimentos se tecem nas narrativas do dia-a-dia, constituindo os sujeitos e a base para muitas aprendizagens e situações em que são necessários o distanciamento da realidade cotidiana, o pensar sobre o mundo e o interpretá-lo de novas formas, bem como o desenvolvimento conjunto de ações coordenadas em torno de um fio condutor comum (BORBA, 2006, p.39).

Em relação a importância do brincar para o desenvolvimento e aprendizagem da criança Facci, 2004, afirma que para Vigotski a brincadeira é sem dúvida a atividade principal da criança nesta faixa etária.

No período pré-escolar, a atividade principal passa a ser o jogo ou a brincadeira. Utilizando-se dessas atividades, a criança apossa-se do mundo concreto dos objetos humanos, por meio da reprodução das ações realizadas pelos adultos com esses objetos. As brincadeiras das crianças não são instintivas e o que determina seu conteúdo é a percepção que a criança tem do mundo dos objetos humanos. A criança opera com os objetos que são utilizados pelos adultos e, dessa forma toma consciência deles e das ações humanas realizadas com eles. (FACCI, 2004, p.70).

Brincando a criança internaliza valores, descobre e recria o que aprende, sendo que através dela, o professor de Educação Infantil consegue propor às crianças diferentes situações de socialização, aprendizagens, exploração e reconhecimento do mundo em que vivem.

Destaca-se desta forma, que tanto a brincadeira como a socialização são vivências indispensáveis na Educação Infantil.

Algo muito positivo que deve ser destacado foi a maneira como se ampliou o círculo de convivência entre as crianças, pois as atividades de intervenção proporcionaram o envolvimento das outras turmas, já que no dia a dia do CEIM as relações sociais aconteciam basicamente com as crianças da mesma turma. No sentido da importância de conviver com outras crianças de diferentes idades pode-se afirmar que as oficinas recreativas foram uma boa opção, mesmo as crianças que demonstraram insegurança em mudar de sala, logo passaram a interagir, sendo que as maiores se preocupavam sempre em cuidar das menores. Em cada oficina as crianças participaram de uma atividade diferente, o que possibilitou um momento rico de aprendizagens e de socialização. Quando as crianças menores se recusavam em realizar uma das atividades, pois para algumas crianças era a primeira vez que estavam fazendo, as maiores ensinavam como deveriam fazer.

Sem dúvida a ideia de interação entre as crianças das diferentes turmas foi avaliada pelas professoras da unidade educativa como muito importante, pois consideraram um momento privilegiado de aprendizagem e de convivência algo que não acontecia anteriormente. Todas relataram o cuidado e a preocupação que as crianças maiores demonstraram para com as menores.

Dessa forma, ao realizar, com ajuda de um parceiro mais experiente, uma tarefa que extrapola suas possibilidades de realização independente, a criança se prepara para, num futuro próximo, realizá-la de forma independente. [...] Em outras palavras, o bom ensino é sempre colaborativo, ou seja, envolve o fazer independente da criança mediado pelo educador e pela educadora – ou mesmo por crianças mais experientes -, que provem níveis de ajuda necessários. (MELLO, 2007p. 98).

Após a realização do Projeto de Intervenção Pedagógica, pode-se afirmar que para ocorrer o processo de socialização de maneira significativa para a criança é necessário que toda a instituição educativa tenha conhecimento da importância de se explorar os demais espaços físicos do CEIM além da sala de aula, assim como de se promover a interação entre as turmas, pois essas mudanças alteram a rotina existente no CEIM necessitando do comprometimento de todos. Para ocorrer as oficinas, por exemplo, todas as turmas

modificaram suas rotinas, bem como houve mudança no horário do lanche para que desse tempo de todas as crianças passarem por todas as oficinas. No acampamento quando as crianças sugeriram que gostariam de dormir lá os colchonetes lençóis e fronhas precisaram ser lavados no dia em que não estava programado, são ações simples, mas que precisam de flexibilidade.

Cabe aqui ressaltar a importância do papel do professor frente às situações de conflitos, pois através da análise das atividades de intervenção, bem como, do que tratam os documentos oficiais analisados brevemente nesta pesquisa, não basta organizar situações oportunas para a socialização se o professor não estiver atento, observando as manifestações das crianças, mediando e intervindo sempre que necessário, os resultados podem não ser os idealizados para a formação humana na perspectiva da formação para a cidadania.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a elaboração e aplicação do Projeto de Intervenção foi possível a reflexão e a constatação de importantes resultados relacionados ao processo de socialização. Sem dúvida o olhar para os conflitos entre as crianças hoje é outro, pois se tem clareza de que tais conflitos fazem parte do desenvolvimento e aprendizagem da criança, contanto que esta aprenda a resolvê-los respeitando a presença do outro.

Conclui-se que os conflitos são comuns e sempre existirão num grupo de crianças, na medida em que estas estão reconhecendo-se como pessoa, se auto afirmando, bem como, reconhecendo e aceitando a presença do outro. Nesse sentido, cabe ao professor mediar às situações para que a criança aprenda a solucionar da melhor maneira tais conflitos. Como o brincar é a principal atividade da criança pequena, entende-se que as estratégias voltadas para a qualificação das relações sociais entre as crianças devem ser organizadas por meio do brincar, bem como de outras atividades lúdicas como a literatura infantil e a música.

Pode-se afirmar ainda, que a socialização é um processo a ser construído diariamente nas diferentes atividades realizadas na Educação Infantil, porém deve ser um processo pensado, planejado e executado por todos os profissionais da instituição. Sabemos que a realidade da Educação Infantil ainda são turmas grandes com salas na maioria das vezes pequenas em relação ao número de crianças, porém o professor deve pensar nas atividades de socialização para além do espaço da sala de aula, é preciso que as crianças vivenciem outras

possibilidades de interações, como por exemplo, com crianças de outras turmas, em espaços ao ar livre diversificando assim, o ambiente e os vínculos de convivência.

Outro aspecto que merece destaque nesta pesquisa é o papel do professor frente às situações de conflitos. Através da análise das atividades de intervenção, bem como, do que tratam os documentos oficiais analisados, o professor além de organizar situações oportunas para a socialização, o professor deve estar atento e mediando sempre que necessário às relações entre as crianças, tendo conhecimento de que o respeito e tantos outros valores que envolvem a convivência social são aprendidos pela criança, ou seja, não nascem naturalmente com ela, contribuindo para se superar a ideia de que as crianças são naturalmente agressivas.

Infelizmente as condições de infra-estrutura e de trabalho nem sempre favorecem a qualidade das interações entre as crianças o que torna o papel do professor ainda mais importante, pois este sabendo da importância de tais interações não pode deixar de criar outras possibilidades para que se contemple o processo de socialização. É importante ressaltar por ser um processo evolutivo a socialização não pode ser trabalhada apenas em um determinado período do ano, ou seja, contemplada apenas por um projeto, pelo contrário deve estar presente em todos os momentos de e dos projetos desenvolvidos com a turma.

Neste estudo também se constatou a necessidade da realização de novas pesquisas, pois o processo de socialização na Educação Infantil é um tema amplo e complexo, ultrapassando os limites postos para a realização desta pesquisa. Também se entende que os documentos oficiais merecem uma análise mais profunda, da mesma forma, questões relacionadas ao papel da família na educação compartilhada com a Educação Infantil merecem estudos e reflexões.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros de Qualidade para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, 2008.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação e cultura, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. **Introdução das Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil. Brasília, 2010**. In: FULLGRAF, Jodete B. G., Caderno do Curso de Especialização em Educação Infantil. Florianópolis: UFSC, 2010.

BORBA, Ângela Meyer. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. In: **Ensino fundamental dos nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Ministério da Educação Básica. Departamento de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

FACCI, Marida Gonçalves Dias. **A Periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski**, Campinas, Cadernos Cedes vol. 24, n°.62, p.64-81, abril. 2004.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Mediação Pedagógica na sala de aula**. 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

FULLGRAF, Jodete B. G. O lugar da Educação na sociedade contemporânea. In: \_\_\_\_\_. **O UNICEF e a política de educação infantil no governo Lula**. 2007. Tese (Educação)- Programa de Pós-graduação em Educação: currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

KRAMER, Sonia. **As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: Educação Infantil e é fundamental**: disponível em <http://www.cedes.unicampi.br>. Acesso em 30/09/2011.

MELLO, Suelly A. **Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural**. Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação. Universidade de Santa Catarina. Centro de ciências da Educação. V. 25, n° 1, jan./jun. 2007. Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED. p. 83-106.

MIRANDA, Marília Gouvêa. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In: Lane, Silva T. M. & CODO, Wanderlei. (orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.